

Pinguins-de-barbicha, próximos da Ilha Decepção, saltando em frente a um iceberg



GELADO
Mesmo no verão a temperatura é de cerca de zero grau e o vento faz o frio aumentar

Aventura na Antártica

Veja detalhes de uma expedição fotográfica para o extremo sul do planeta que reuniu um grupo de 12 pessoas a bordo de um veleiro

POR ANDRÉ DIB

Já era meia-noite e o grupo ainda fotografava o entardecer na Antártica. Do alto da colina, era possível presenciar o sol tocar as águas do Mar de Drake, e a temperatura pouco abaixo de zero incomodava, mas nada que tirasse o ânimo do pessoal. Era uma chance única de explorar as luzes sublimes da

madrugada clara das altas latitudes. Durante o verão antártico, e quanto mais próximo ao Círculo Polar, a luz do dia é quase ininterrupta. Por mais de um mês, o sol nunca se põe durante as 24 horas do dia. Essa história começou oito meses antes, quando encontrei o amigo Charlie Flesch, biólogo brasileiro,

habilitado capitão amador pela Marinha com cerca de 30 mil milhas navegadas. Charlie foi chefe de mergulho da família Schurmann na travessia do Oceano Pacífico em 2015 e tripulante de sete barcos polares, até que, em 2016, comprou o próprio veleiro, batizado de Fernand. Barco preparado para navegar em

condições adversas, com ele liderou outras quatro expedições pelos mares bravios do extremo sul já como capitão. Eu havia pisado na Antártica com a marinha chilena para produzir uma reportagem em 2015. Charlie conhecia minha trajetória como fotógrafo de alta montanha e de lugares isolados, de difícil acesso. A partir daí falamos sobre a possibilidade de levar um grupo para uma expedição fotográfica ao continente gelado. A Antártica está no imaginário de fotógrafos de natureza de várias partes do mundo. Entretanto, poucos têm a oportunidade de ir até lá. Com isso em mente e querendo fugir do modelo de turismo convencional, planejei com Charlie uma viagem de 21 dias a bordo do veleiro dentro de uma perspectiva fotográfica, e convidei alguns fotógrafos interessados em conhecer aquela região inóspita e ímpar,



FOTOS: ANDRÉ DIB

com independência para fotografar – ao contrário do que sugere os roteiros comuns a bordo de transatlânticos, quando, na maior parte das vezes, se assiste a Antártica de longe, com pouquíssimas possibilidades de desembarque.

Um pinguim-gentoo alimentando o filhote: a natureza selvagem da Antártica é um dos atrativos para fazer a longa viagem



PERIGOSA TRAVESSIA NO MAR DE DRAKE

Acima, os veleiros Fernand e Sarah atacadados no mar congelado, próximo ao Canal de Lemaire; abaixo, uma foca-caranguejeira

O grupo era pequeno, de 12 pessoas, entre elas o capitão Charlie, dois tripulantes e oito fotógrafos, além de mim, que iria orientar o grupo nessa

empreitada. Em janeiro de 2019, zarparamos de Ushuaia, Argentina, extremo sul do continente sul-americano, já sabendo que viajar para lá não é tarefa fácil. Para se chegar a Antártica, é preciso vencer a temível travessia do Mar de Drake. O nome faz referência a um corsário inglês, destemido navegador que deu a volta ao mundo no século 16 e que trabalhou para a rainha da Inglaterra saqueando os galeões espanhóis da época.

A passagem situa-se entre a extremidade da América do Sul e a Península Antártica. É conhecida por condições meteorológicas difíceis, em que há a convergência das águas dos oceanos Pacífico e Atlântico, sob tempestades, correntes divergentes e ondas que chegam facilmente aos 5 metros de altura – o que justifica o temor que desperta nos marinheiros. Ciente disso, o grupo rumou para a mítica passagem. Para sorte de todos, a travessia se deu de forma relativamente tranquila, e o desafio dos participantes foi o confinamento. Durante os quatro dias de travessia, dividimos um espaço



Foca-caranguejeira disputando espaço com pinguim-gentoo

Fotos: Andrie Dib

A travessia do Mar de Drake levou quatro dias na ida e cinco na volta, período de confinamento para o grupo, o que sempre gera algum desconforto

limitado, de 70 pés, com uso racional da água doce. Aproveitamos para conversar sobre fotografia e preparar os equipamentos para o que estava por vir. Quem encara uma aventura assim já vem preparado, com o espírito colaborativo e a vontade de somar. Charlie faz questão de falar pessoalmente, muito antes da viagem, com cada participante, detalhando

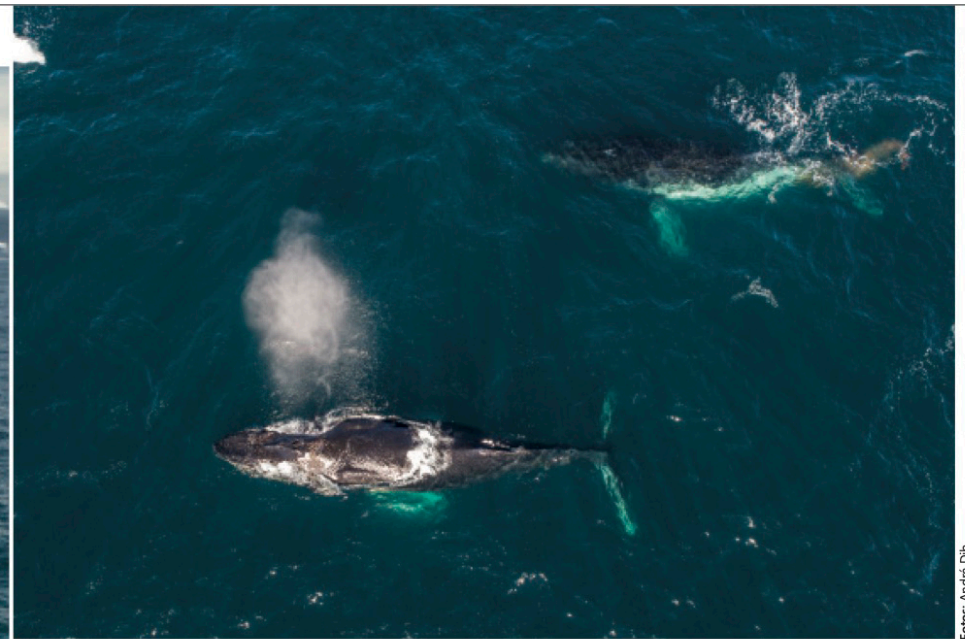
os percalços, preparando as pessoas e informando sobre o cotidiano da expedição em que todos participam; e dentro de um cronograma de turnos são estimulados a ajudar nos afazeres cotidianos. Da minha parte, orientei os participantes na escolha do equipamento (o que faz a diferença numa viagem dessa magnitude), e falei sobre como enfrentar o frio,

indicando roupas e acessórios para que o fotógrafo conseguisse transitar pela área externa do veleiro e desembarcar com a frequência que o roteiro propõe. Num lugar extremo como esse, a temperatura não foge muito da casa do zero grau, no verão, mas o vento faz a sensação térmica despencar e a proteção adequada se torna vital.





ILHAS
A expedição teve desembarque em várias ilhas da Antártica por causa da agilidade do veleiro



Estúdio Nacional/Doi

Veleiro Fernando próximo de uma baleia jubarte, em imagem captada com um drone

Acima, duas jubartes que estavam próximas do veleiro, em foto com drone; ao lado, o mergulho da baleia e, abaixo, um dos fotógrafos do grupo diante de pinguim na parada feita na Ilha Decepção



VER UM MUNDO NOVO DE PERTO

A vida selvagem na Antártica pode oferecer surpresas a cada momento e o fotógrafo deve estar preparado e atento para não perder a chance de fazer uma grande imagem

A grande diferença de viajar a bordo de um veleiro é a proximidade com a fauna, tão abundante que impressiona, e as possibilidades de desembarque, que são frequentes e permitem fotografar dentro de um cronograma flexível, no tempo que a boa fotografia exige. Após a tediosa travessia de quatro dias, a viagem adquire uma nova dimensão. É hora de ver de perto um novo mundo, a Antártica, de caminhar em terra firme e fotografar vida selvagem e com cenários que surpreendem mesmo os viajantes experientes.

Nesse roteiro, há desembarque em belas ilhas, aproximação de colônias com milhares de pinguins, de várias espécies, buscando sempre novos cenários com tempo para esperar a luz dourada incidir sobre as montanhas ou o espetáculo do fenômeno do sol da meia-noite. Navega-se pelos canais antárticos, avista-se baleias praticamente todos os dias, com a disponibilidade de tempo para acompanhar essas criaturas colossais, com dezenas de toneladas, passando a poucos metros do barco.

Uma questão crucial é estar sempre

preparado para o momento decisivo. Na Antártica, a vida selvagem é presente, dando ritmo ao ciclo, pulsando sobre uma transitória inquietude, seja por conta de uma foca que disputava território com outras da mesma espécie ou por conta de uma skua predando filhotes e ovos de pinguins. E, como as condições do tempo também mudam muito (às vezes um céu límpido dá lugar rapidamente para a chuva), sempre insistia para os participantes desembarcarem para fotografar, independentemente do clima, pois existe a tentação de ficar no conforto do ambiente caloroso do veleiro em dias de tempo ruim.



BRANCO
 O excesso de
 branco leva a erros
 de exposição: a dica
 é compensar
 +1 ponto

Em foto com drone,
 o veleiro Fernando
 próximo a um
 iceberg no formato
 do mapa do Brasil

MUITO BRANCO DIFÍCIL A EXPOSIÇÃO

Uma das maiores dificuldades de fotografar as paisagens antárticas é o branco intenso. Normalmente, a refração e o excesso de luz podem enganar o fotômetro se a câmera estiver em modo automático. Na viagem, procurava sempre estimular

os participantes a fazer os ajustes no modo manual e estarem atentos a essa variação de luz frequente. Se o fotógrafo deixar a câmera controlar a exposição automaticamente, é provável que terá imagens subexpostas. Isso porque o

fotômetro terá como parâmetro os 18% de cinza para atingir o padrão automático da exposição. Em casos assim, eu recomendava uma leve superexposição de cerca de um ponto. Não mais do que isso, para não haver perda de detalhes e nuances das geleiras, que, ao contrário do que se pensa, são repletas de texturas e semitons. Houve tempo também para falar sobre o histograma da imagem, recurso que torna possível identificar uma exposição errada por meio de um gráfico no visor ou no monitor da câmera, evitando assim que se perca alguma informação importante do assunto. E, nos momentos de

Um dos fotógrafos da expedição em ação após desembarque na Ilha de Cuverville



Parte do grupo de oito fotógrafos na colina da Ilha Paradise: eles puderam registrar paisagens únicas na expedição



ancoragens em águas tranquilas, e quando o tempo permitia, aproveitava para fazer palestras sobre fotografia de paisagens e de vida selvagem, orientando os participantes. Havia dois momentos na expedição, o de navegar sempre com a câmera preparada e o de deitar no gelo, fazer silêncio e esperar a aproximação dos animais. Ali os ímpetos reprodutivos encontram-se em efervescência. Dentro dessa perspectiva, a vida animal eclode, exibindo-se sem pudores, e esse pode ser o instante certo para um clique que

traduz a natureza selvagem do lugar. Já nos momentos de descanso, aproveitava para conferir as fotos, corrigir e sugerir enquadramentos, ressaltando a importância da nitidez para imagens de vida selvagem. Também aproveitava para orientar o grupo no cuidado e na manutenção dos equipamentos em ambiente extremo, sujeitos a condensação, por conta do choque de temperaturas, de possíveis respingos de água salgada (que pode ser fatal para a câmera) ou no cuidado com as baterias expostas ao frio intenso.

Nas Ilhas Cuverville (acima, à esq.) e Decepção (à dir.), os fotógrafos se viram diante de milhares de pinguins



Fotos: André Dib



Adriano Kirihara



que tanto assombra como fascina. Depois de 12 dias na Antártica e das surpresas cotidianas, a viagem não havia acabado. Ainda era necessário vencer a travessia de volta, que durou cinco dias, quando o veleiro balançou muito novamente no Mar de Drake, e aproveitar para admirar o voo dos albatrozes tocando o mar com a ponta das asas. Uma baleia ou um bando de orcas saltando próximo à proa do Fernandinho ajudavam a quebrar a monotonia e o insistente sacolejar – dois integrantes do grupo passaram mal.

Isso é inevitável e até um preço baixo a se pagar, pois o grupo trazia na bagagem a lembrança de um silêncio inexplicável e a recompensa traduzida em imagens de um dos redutos mais belos, intensos e selvagens do planeta.

André Dib (acima, à esq.) liderou a expedição fotográfica e o capitão Charlie Flesch (à dir.) comandou o veleiro Fernandinho até a Antártica

SERVIÇO
A próxima expedição à Antártica com o veleiro Fernandinho está prevista para partir no dia 4 de janeiro de 2020. Mais informações com André Dib, andredibfoto@gmail.com ou www.andredib.com.br.

Imagem, a beleza do fenômeno da meia-noite registrada em um dia de Charcot

FOTOGRAFAR EM QUALQUER CONDIÇÃO



Iceberg em forma de rampa de skate fotografado no Estreito de Gerlache

Apesar do cronograma preestabelecido ter sido seguido, uma coisa ficou clara desde o início da expedição: havia um roteiro, mas quem ditava as regras eram as condições climáticas, as correntes marítimas, o gelo e, claro, o interesse fotográfico, diante dos prognósticos do clima. Esse conjunto era determinante para tomar a decisão de onde jogar a âncora. Como dizia o capitão Charlie, "um marinheiro nunca sabe para onde vai". Assim, para vencer um dos grandes dilemas da fotografia de natureza, a incerteza, reforçava para o grupo que em dias de céu tempestuoso também é possível fazer grandes fotos. Nuvens carregadas aliadas a raios de sol, formas, luzes e sombras oferecem imagens dramáticas que inspiram e expressam a força da natureza pulsante do lugar,

Fiandeira & TeceLã

A arte de fiar e tecer artesanalmente a lã.

Mantas FOFA
Lançamento na Fotografia 2019

COMPRE 2 mantas E GANHE esse lindo brinde, de coração

*O brinde é um desses corações, sem opção de

Carla Lieda C. Parra - artesã e zootecnista
(49) 9200-3612 - São Carlos - SC
Fiandeira & TeceLã: [f FiandeiraTeceLa](https://www.facebook.com/FiandeiraTeceLa) • [i carlialedaparra](https://www.instagram.com/carlialedaparra)